

A IDEA



ORGÃO DO CLUBE DOS ESTUDANTES

COMISSÃO REDUCTORA: — Azevedo Macedo, C. Costa e Saldanha Sobrinho.

Expediente

ASSIGNATURAS

Por trimestre:

Capital 1\$200
Para fora 1\$000

Pagamento adiantado

Toda a correspondência deve ser dirigida à rua do Aquidabá n.º 35, escritório da redação.

Não aceitamos reclamação alguma que não for feita em carta fechada dirigida a esta redação.

A IDEA

Curitiba, 16 de Janeiro de 1889.

Instrução popular

III

Está em execução o decreto provincial que, suprimindo 168 escolas privadas de instrução a cerca de 3 mil crianças !

Tres mil crianças sem instrução: 3 000 cerebros escuros, 3 000 ignorantes para o futuro, grande número de criminosos para encarcerar as suas delias, porque a ignorância é a origem do vício, 1 500 mulheres, talvez impossibilitadas de serem boas mães ! = O que crime hediondo !

O que peso enorme para a Pátria que herança lhe legam os actuaes diretores dos seus destinos !

Esse horroroso decreto — gerador de trevas em um seculo em que tudo reclama luz, não tem absolutamente a nossos olhos, justificação possível.

Lei ! E isso é uma lei !

E são assim as leis do nosso paiz, onde, apesar de Bava, Lianassa, ou de mais, um individuo qualquer investi-

do de funções públicas, mandar por si, toda a indignação que ela sugere no animo dos mecos.

Nós que, d'aqui a alguns annos seremos cidadãos, temos o dever de pugnar pelo direito dessas crianças de hoje que serão nossos companheiros ou nossos sucessores na grande luta pela regeneração da Pátria.

Calarmo-nos seria um crime. Cumprimos o nosso dever.

Agora, ainda uma palavra.

Apezar de estarmos inteiramente descrentes de todos esses homens que nos cercam, temos necessidade absorta de esperar. Mas

Ninguém ha que nos acuse de combater aqui por política como parece fazer o nosso colega do «Sete de Marco» : somos perfeitamente imparciais.

Portanto, não profigorarão somente o erro, sem indicar lhe o remedio. Com certeza, não será simplesmente a restauração das escolas suprimidas o que ha de varremos todo esse grande erro, todo esse grande crime, que, infelizmente, vem de muito longe.

Não : em nossa Pátria, a qualmente, tudo precisa de reformas, desde o supremo ramo da administração, até a cadaea instituição de monos ARKHO.

O statu quo tornou-se já insuportável.

Quanto à instrução publica na nossa infeliz província, precisamos de uma reforma absoluta, completa.

Não temos organização que preste, nem temos professores habilitados.

Portanto, o unico remedio é reformar tudo pela base.

Instituise escolas normaes bem organizadas, e, ao menos isto, que a nefanda politica não influa na nomeação dos mesmos; que o merito reconhecido seja, para essa nomeação, a unica recomendação aceitável.

Ah ! si quizesseis fazer tudo isso, talvez nós ainda vos pudesssemos perdoar, oh homens do presente !

Os seus fatores e executores — esses alzgozes do espírito, — são homens barbáros, ignômes enimigos dos antigos senhores letitantes; são réus de les patriótismo, porque quem atenta contra o sagrado leito do lar, contra esse direito, que, na opinião de Victor Hugo, «é mais santo que o dos pais», atenta contra a civilização, contra a Liberdade, porque fazer a ignorância é fazer a tiria, a escravidão, o crime, e mais do que tudo, atenta contra o Futuro, contra esse futuro que nós — os novos — temos o direito de exigir de nossos predecessores que nos o apresentem mais prometedor, mais visinho do que ele é na volta prouessamente.

A sociedade tem o dever de instruir e educar os pais e cidadãos do futuro.

K. fezír! Repare esse crime infamantissimo ramo da administração, até a cadaea instituição de monos ARKHO.

Naquele dia que tornou-se já insuportável.

Quanto à instrução publica na nossa infeliz província, precisamos de uma reforma absoluta, completa.

Não temos organização que preste, nem temos professores habilitados.

Portanto, o unico remedio é reformar tudo pela base.

E, enquanto isso, é com o cincheiro que negam para a sustentação de escolas, nem mandando construir igrejas e cadeias para abrigar os ignorantes...

Perfeitamente ! O que acabamos de dizer é o que temos dito nos nossos artigos precedentes. Basta para mostrar toda nossa reprovação a essa

Movimento litterario

A leitura dos grandes livros não só nos instruiu intelectualmente, como também moralmente. E assim que, com a leitura de Augusto Comte nos instruimos na filosofia positiva; nos habituamos a pensar com o exímio pensador. Com a leitura de Victor Hugo, nos systematizamos com o maior vulto da literatura francesa no seculo XIX, com a mais bela escola poética que até então nos é conhecida. Ler é instruir-se; instruir-se é guiar-se a vida pelo modo mais grandioso e sublime.

«A luz do mundo é o sol, o sol do pensamento é a instrução», disse um bonito talento brasileiro, um dos homens que si tivesse a felicidade de nascer na França, ou na Alemanha, ou na Inglaterra, teria um renome cujas scintilas se juncasse apagando das páginas da História d'essas mesmas nações; mas, que é brasileiro, e, portanto, desco hedado: é o Dr. Arthur Homem.

O Brazil vvi em um continente descalabro litterário e científico.

De quando em quando aparece um Sylvo Roméo com um belo Estudo sobre a Litteratura Brasileira, um Muchado de Assis com os seus bons romances, Alucio de Azevedo com o seu romance — «U. Homem» —, Júlio Ribeiro com — «A Câne» —; eis o mais ampliado possível o movimento litterario no Brazil.

Quem le estes livros? inguem.

Foram-se os belos tempos de José de Alencar, Joaquim Serra, Fernandes Pimentel e muitos outros, infelizmente des tacados deste mundo.

No Pará a litteratura jaz como que esquecida completamente.

Leonido Correia firmou um volume de versos sól o título «Volatas».

Quem leu as «Volatas»? Mesa doña de amigos e parentes do autor.

Quem leu Domíngos Nascentes?

Quem leu os bons romances de Rocha Pombal?

Quem leu o esplêndido volume de Emanoel Perreira?

Seus amigos, sómente seus amigos.

Castro, Dezembro de 1888.

ALFREDO PIRAJÁ,

Soneto

Amor

Pelos abysmos cincavos dos ares,
Quando fitas a abobada estrellada,

Seguem-te a alma, seguem-te a agitação — a solução de potassas e phosphato de cal ou de ammoníaco.

Essa propriedade provém de que essas substâncias são já matérias combustíveis, portanto, não susceptíveis de combustão.

Serve-se muito, actualmente, do tun grande de soda para tornar incombustíveis as taças, os papéis e os bastidores de teatro.

O amianto, substância mineral, que nada mais é do que o silício de magnésia, resiste consideravelmente à ação do fogo. Os antigos faziam delle torcidas para lampiões, que ardendo no azeite sem se consumirem, lencões para os cadavres, afim de poderem colher as suas cinzas, sem que elas se misturarem com as da pyra. Hoje fazem-se do amianto roupas para resguardarem os bombeiros nos incêndios.

Sciencias e Artes

O Fogo

O fogo é o desenvolvimento simultâneo de calor e de luz produzido pelo combusão dos corpos chamados combustíveis, tais como: a madeira, carvão, palha, etc. Daqui aos o consideravam como um dos quatro elementos.

Certos povos o adoravam como divindade spovosadoravão.

Estudar o fogo é estudar o fenômeno da combustão.

O principal agente da combustão é o ar atmosférico, ou melhor o oxigénio do ar.

Em toda combustão ha uma substância que quem a combustível, e outra que faz queimar, ou combustente.

Nas matérias de que habitualmente nos servimos para produzir fogos principais elementos combustíveis são: o carbono e o hidrogénio, sendo elemento combustente o exigente do ar.

Determina-se a combustão elevando-se primeiramente a temperatura do combustível, lançando-lhe fogo por meio de uma phosphore ou por qualquer outra forma. Sobre influência do calor desenvolvendo-se os elementos combustíveis — hidrogénio e carbono, se desprendendo, combinam-se com o oxigénio do ar e a combustão continua, e inquanto ha combustível.

A fumaça que se desenvolve no fogo é o resultado de uma combustão imperfeita, é uma mistura d'água e de vapores d'água e de carvão dividido, que escapou à combustão.

As diversas cores, que observamos nas chamas do fogo, também são devidas à combustão incompleta.

A chama do fogo tende sempre a subir; o motivo deste fenômeno é ser ella alimentada por gazes que são mais leves do que o ar.

Há certas substâncias que, em contacto com as matérias combustíveis, preservam-nas da ação do fogo; essa sub-

Variedade

O lavrador

Certo roceiro admirava-se de um filósofo poder sustentar uma família inteira sem se lhe ver trabalhar.

O filósofo era escritor e vivia do dinheiro de suas obras.

Um dia o curioso atreveu-se a dirigir-lhe as seguintes perguntas:

— Que profissão tem o senhor?

— Lavrador.

— Mas onde está o seu campo de lavrador?

— O espírito!

— O espírito!... E quem se incumbe d'esse trabalho?

— Eu.

— Não entendo!... E com que arado revolve o senhor a terra?

— O livro.

— Ora essa!... E que boi puxa esse arado?

— A inteligência.

— E o que planta?

— A luz.

— Finalmente, o que colhe?

— A glória!

E o roceiro retirou-se embatucado.

Curityba, Janeiro — 89.

A. M.

Sonhando

Meu leito era de flores, mil perfumes exhalavam em torno frescas rosas. Ao longe a lyra a despedir queixumes, Brandas canções, serenas, maviosas,

Tudo era amor e jovem sedutora Me unia ao peito o collo feiticeiro...

Goso cruel! — sonhei coa Leonora E acordar abraçado ao travessereiro.

BERTRAM.

O homem

Miseria das misérias!

V. Hugo.

6) li unem casco, vêm para nascendo e é para um inferno; vivos, tem felicidade ou infelicidades, é uma ilusão; morre, acaba-se tudo, eis a realidade!

E ri-se quando um homem nasce e chora se quando um homem morre! .

O homem matéria é nada, mas o homem espírito é alguma coisa; Deus fez no homem uma unica cosa que tem valor próprio: — a intelligença.

Todas essas evidencias que a sciencia nos demonstra, todas essas grandes obras que a mão do homem tem protuzido, todos esses progressos são filhos de um mesmo tronco, são nascidos da intelligença.

O homem seria enorme por causa de sua intelligença, si essa mesma intelligença não fosse a primeira a a descobrir a sua pequenez nas coisas da Natureza!

Curityba, 1888.

Azevedo MACEDO

O dever religioso

(A. C. Costa)

Passara Sylvia, bela, encantadora,
Como a tristeza alegre de um poeta;
No olhar tinha o serio de uma asceta,
E nos labios o riso de benfeitora.

Passara a pouco a diva paraguaiana,
Receosa, séria e meiga e bela,
Qual o piscar medoso de uma estrela.
Para onde ia a candida menina?

Passara com um ar modesto e nobre,
De dinheiro uma bolsa ia repleta
Em sua chic maozinha predilecta
De seus pais, das moças e do pobre.

Passara a a pouco e volta já a imagem
Coberta com a sua nivea ueste;
Co'a feição mais bela, mais celeste;
E mais cheia de júbilo e de coragem.

Aonde foi esse anjo apparecer
Que volta agora mais cheio d'esplendor:
Não à missa, à igreja, ao confessor
Os seus íntimos seguidos descrever:

Em lugar mais puro a psalmodia,
Fe-la esse arcanjo idolatrado;

Foi levar o seu obulo sagrado
A Santa Caixa da Misericordia.

Curityba, 1888.

SILVANA NETTO



DEVANEIO

(A. BARBOSA ALCOA)

Em um dos curatos da província de...
foi lá que debaixo da pressão da atmosfera, medrou uma florinha tão sensual,
tão pura como é puro o orvalho na folha
da taboá.

A estação do mez de Maio acarretou a tanto que a florinha de formosa, possuia os encantos de odorifera, inebriante.

Cresceu sem que um jardineiro ou mesmo algum curioso por elas velasse; outro tanto não faziam os meus traquininhos em hospitaliz. Acalentavam-se, pois, debaixo da protecção da natureza: ella era a sua cuidadosa jardineira.

Si o mez de Maio foi benigino com a mimosa florinha, o mesmo não sucedeu com o de Junho, que denegrit o seu caule, quemou as suas pétalas.

Inverno ardente! Ingrata atmosphera!

Me lembro que o flor calvo e marchiou, matou-a a propria natureza.

Que contraste!

É a consequencia do fatal acontecimento e a mesma do fruto proibido.

Curityba, Dezembro de 1888.

CARLOS DO NASCIMENTO



Chronica

Por causa do calor paraguaiense que temijito ultimamente nesta moi leal, pireira, pacata e barrenta Curityba, resoli dar um passeio pelos ares.... da chronica. Cavalgando uma penha, que parece ter tomado o freio nos dentes (permittam-me a figura), lá voo eu n'uma vertiginosidade e orme,—como o grifo que lev a pela amplidão dos mundos estremecido ao encontro a pyramidal Cavalheiro da Triste Figura (que na verdade bem triste figura fez nesse son lindo sonho)—, voando pelos ares brancos, longos... do papel.

Aborrecido, completamente estapafurdo estava eu ha poucos dias quando entra por aqui a dentro, fazendo um esplendorato los mil demônios, derramando espírito gottejando alegria, a inimitável «Verve» — prolongamento do bello «Simile» (entre parêntesis).

Nada é preciso dizer mais, leitor amavel, benevolo e... não me recordo d'outro adjetivo proprio para conquistar-te as boas graças.... mas... nada é preciso dizer para que tenhas toda a certeza de que o aborrecimento, de que a «espessa bruma de melancolia», que me deixava inteiramente estupido, se dissipou como por encanto...

Pois si «A Verve» de Paranaqua, tem verve lá e cá...

Mas, por falar em verve, em espirito, nada me fez tantas cocegas como o estupendo e esfoguetudo foguetório no dia... (tanto deste mez), em razão da popular vala retro e espontânea (idem) manifestação feita a uma notab. (basta!)

Nada me fez mais cocegas?

Não falo bem... mas, rectifico agora e digo que o que mais teve espirito, si bem que um espirito safado, cara-dura, foi a manifestação dos inimitáveis, funambulos e carnavalescos. Cujo intitulado picoteros! Isto sim, é que é de arromba! Pois um cidadão põe seu Cachimbo de Turco à disposição do publico, e lá vai a picotagem filar-lhe cerveja e charutos!! Ora sebo...

Sebo?! Sebo precisava os irmãos lustrosos dos voluntários, que deram função n'uma noite própria para uma pessoa estar pedindo a... São Benedito, embora com o pensamento no disciplinador da igreja curitibana, que, por merco de Deus, não nos esmagasse com os cacos desto velho em que nos cobre, em que ameaçava cahirmos com as catadupas d'água que, no circulo, ensopam mais de mil mortais, entre os quais sobressaem muitos rostos bellos, imortais, a par de dezenas de horizontais (isso é por causa da rima);

E, para não esgotar se a pandega, o riso, von continuara apreciar «A Verve». Até outra vista!

TRANSPARENTE.



Trevos e Luz

(Ao poeta Alfrado Pirajá)

Vive o poeta perdido
Rotando pela amplidão,
Como uma flor desfolhada,
Ao romper da madrugada,
Pelas iras do tufo.

No desespero da vida
Mais a gloria lhe translaz,
E na harmonia dos cantos
Vede mais ardentes prantos
— E os seus prantos são luz.

Fala com Deus e coes anjos,
Traz-lhe a briza tanto olor...
Mas, na fúria do dílio,
Traga da sorte o martyrio,
E traz nos labios a dor.

Oh ! canter dos pyxilampos,
Porque tu foste cantar
Trocanto o riso das flores
Por esses hymnos de dores ? !
Quizeste cedo chorar ? !

Portém, que importa esses prantos ? !
Vela o céo por teu viver,
No teu verso ha luz brilhante,
E's talvez um Byron ou Dante,
Tens muito louro a colher !

Caminha e nunca descances,
Pois é bem longe o porvir
Onde ha virgens fascinantes,
Onde ha seos mal-rutilantes,
Onde ha genios a sorrir.

Curityba, 1º Janeiro - 89.

Portugues.

NOTA EM PEDACOS

VI

Continuando a noticia de artigo precedente, resumimmo-a dizendo que, a dita senhora não tornou a aparecerse que a polícia fez ir à sua presença os dois indivíduos, não conseguindo, porém, obter de illes esclarecimento algum sobre o facto.

Sobre o spiritismo o «Apostolo», que é uma folha absolutamente anti-materista, diz: «Se tal é a doutrina do progresso e da época (os gráficos são nossos) e a que se opõe às superstícias da igreja, previnham-se os matados e acudirem-se as senhoras casadas.»

E nós acrescentamos: acudirem-se o povo e previnam-se a polícia.

Não somos só nós que falamos contra essa ciencia: ali vai uma definição da mesma, feita por uma pessoa ilustrada: «Segundo as recentes investigações científicas o espiritismo não é mais do que uma nova edição, porém mais correcta, das antigas práticas misteriosas da India, da Chaldeia e do Egypto, tento por edictor em França (pois que elle é indígena dos Estados Unidos), nun tal franez de nome Rival, que depois se chris-mou Allan Kardec, para melhor se impôr às almas pequeninas ou achacadas, a quem o maravilhoso deslumbra, não dei-

xando vêr a impostura que o acompanha.»

Os factos que aparecem a respeito do spiritismo não o horram nada, e, além de tudo, ainda não houve um spirita que tivesse coragem de defender a sua seita pela imprensa, ou publicamente, que da no mesmo.

Não é chamando-nos de loucos, nem de burros que justificam a verdade, que dizem favor, da sua eréna.

10-1-89.

SYLVINO AMÉRICO.

Noticiario

FILHOS DE THALIA

Esta sociedade dramática particular realizou a 25 do mes passado um espetáculo familiar, levando à cena duas escolhidas peças, que foram satisfactoriamente representadas.

Agradecemos o amavel convite com que fomos honrados.

M. DOMINGOS FREIRE

«A Província de S. Paulo» confirma a noticia telegraphica do seu exacto correspondente da côte sobre a occurrence havida na Escola de Medicina por occasião da coligação de grau ao doutorando de 1888, apezarão incomprehensivel (?) silencio da imprensa da côte.

O sabio Dr. Freire, convindou o Imperador, que se achava presente, a favorecer a aspiração nacional pela republica.

O Imperador disse que «havia de convencer os usandos, com certeza, dos meios com que convenceu o Sr. Lafayette.

Mas, achamos difícil convencer por tal forma um homem como o Dr. Freire.

CONFLICTOS NA CORTE

No dia 30 de Dezembro, por occasião de uma conferencia republicana do valente propagandista Dr. Silva Jardim, a incommunisuravel Guarda Negra, constituida por quanto capoete navalista ha na côte, sob a direcção de Jose do Patrocínio, e protegida pelo governo, atacou os republicanos, resultando dali um grande conflito em que foram feridas mais de 200 pessoas, muitas das quais gravemente.

O nosso distinto compatriota Sébastião Parani, que assistia a conferencia, foi, segundo consta-nos, ferido com uma navalhada.

«Novidades» de 29 predisse exactamente o que aconteceu no dia 30 !

Um grupo da Guarda Negra atacou o edificio da redacção d'«O País», dando mordas a Quintino Bocayuva,

Pelos jornais da côte, vemos que é mentiroso o telegramma oficial publicado na «Gazeta Paranaense» sobre esses contactos.

O «Novidades» elucidou todo o negocio.

PAULO DE ASSUMPÇÃO

Acha-se entre nós este distinto moço paranaense, muitas vezes laureado na Academia de Bellas Artes da Corte.

Cumprimentamo-lo afectuosamente.

RETARDADO

Por falta de espaço, deixamos de publicar n'este numero um artigo que nos enviou o intelligent moço Sr. Francisco Marques, do Rio de Janeiro. Inserimos, porém no proximo numero, pedindo desculpa ao seu autor e agradecendo-lhe desde já as benevolas e animadoras palavras que nos dirige.

JORNAES

Recebemos «O Trabalho», bem redigido jornal, que começa a publicar-se em Paranaguá sob a direcção do inteligente moço Sr. Lindolpho Pombo. Desejando ao collega uma vida longa e previsiva para a nossa província, enviamos-lhe uma saudação fraternal.

— Recebemos tambem «A Verve» de Paranaguá, que tem mesmo muita verve, e a «Imprensa Evangélica» de S. Paulo.

Agradecemos e retribuimos.

Ineditorial

Picotagem

O Club Litterario Dr. Pedroso foi convidado para tomar parte na espontânea manifestação de prego feito pelo comércio de capital ao Dr. Barbosa da Cunha, presidente da província !

On. Pois então a mocidade paranaense havia de prestar homenagem a um homem que manda fechar escolas, e que nada absolutamente tem feito pelo progresso da nossa província, trabalhando, ao contrario, somente pelo seu atraço ? !

E, demais, o que tem os estudantes com as espontâneas manifestações do comércio ?

A comissão, que, com certeza, foi nomeada em alguma reunião dos honrados negociantes, mas cujos memcos, talvez por modéstia, não quizeram assignar os convites, não reflectiu quanto mandou um destes ao Club Dr. Pedroso.

A briosa classe e todantal nunca compareceria a uma tal manifestação.

Os socios do Club,